

■ ARTIGOS

■ Traçados da arte-educação nas escolas-parque de Brasília: Escrevendo uma história na Capital

 *Rafaella Lira Silva dos Santos de Vasconcelos* *
Ingrid Dittrich Wiggers **

Resumo: O trabalho tem por objetivo (re)conhecer os traçados das práticas pedagógicas que transpassam a arte-educação nas escolas-parque de Brasília. A abordagem metodológica empregada foi uma revisão sistemática da literatura na qual foram analisadas teses, dissertações, livros e capítulos de livros entre os anos de 1960 e 2018. Essa revisão fundamentou-se na sequência de seis passos de pesquisa sugerida por Soni e Kodali (2011). Nessa direção, alcançamos 14 produções científicas. Para auxiliar na compreensão dos estudos e na consolidação dos eixos de análise, aportamo-nos em textos do educador Anísio Teixeira (1959; 1961). Os resultados sugerem que as práticas pedagógicas em arte nas escolas-parque de Brasília teceram representações educacionais, culturais e identitárias para a Capital. Além disso, puseram-se como rotas de autoexpressão, liberdade e resistência.

Palavras-chave: Escolas-parque. Arte-educação. Brasília.

* *Rafaella Lira Silva dos Santos de Vasconcelos* é mestre em Educação e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília - UnB, na linha de pesquisa Estudos Comparados em Educação. Arte-educadora na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Membro do Imagem: Grupo de pesquisa sobre corpo e educação. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3820888166637240>. Contato: ellaella68@gmail.com.

** *Ingrid Dittrich Wiggers* é professora titular da Universidade de Brasília - UnB, no programa de pós-graduação em Educação da UnB, na linha de pesquisa Estudos Comparados em Educação. Líder do Imagem: Grupo de pesquisa sobre corpo e educação. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3961842810282657>. Contato: ingridwiggers@gmail.com.

O início do plano

As escolas-parque foram concebidas pelo filósofo e educador baiano Anísio Teixeira (1900-1971), um homem de formação jurídica que se descobriu alvorçado diante da educação brasileira. Por volta de 1956, quando exercia o cargo de diretor do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) e frente ao seu despontamento no sistema educacional baiano, foi convidado a engendrar o Plano de Construções Escolares de Brasília. Nesse plano, Anísio Teixeira elaborou para a nova Capital uma orientação educativa que seria um renovar dos tempos tanto para a Brasília que se erguia quanto para toda a educação brasileira.

O Plano de Construções Escolares de Brasília configurava o aprimoramento de um projeto audaz ocorrido no bairro da Liberdade, na cidade de Salvador – Bahia, onde Anísio Teixeira criara o Centro Educacional Carneiro Ribeiro, também chamado de Escola-parque da Bahia. A redondeza da escola era conhecida pela violência e pobreza. Neste contexto, o educador ensejava que a educação fosse a oportunidade de uma prática democrática embasada em um pensamento reflexivo e na formação integral dos indivíduos. Segundo Anísio Teixeira (1959) esse seria um caminho possível para o progresso social pensado a partir da educação e atento aos fenômenos da industrialização.

Seja no bairro da Liberdade seja em Brasília, as idealizações de escola e educação de Anísio Teixeira foram influenciadas pelas obras do norte-americano John Dewey (1859-1952). Dewey pensava a educação como uma possibilidade global para a vida humana, sem bifurcações entre a escola e as atividades em sociedade. Para oportunizar a integralidade desse pensamento, a essência da pedagogia de Dewey estava alicerçada na viabilidade da experiência (DEWEY, 2011).

Assim, a proposta geral das escolas-parque de Brasília era proporcionar aos estudantes uma educação integral, complementando as disciplinas curriculares tradicionais das escolas-classe. Estas se articulavam em turnos opostos e se conectavam principalmente pelo aspecto formativo. Desse modo, necessitava fomentar indivíduos criativos, dados ao lazer, à educação do corpo, à arte e às habilidades manuais. Para tal, o arranjo intelectual e arquitetônico previsto para as escolas-parque ganhou atenção singular, pois dialogava com uma formação holística, dispondo de espaços para salas de aula, oficinas, laboratório, ambientes para atividades artísticas, auditório, biblioteca, piscinas, refeitório, quadras de esportes e jardins. Todo este conjunto escolar deveria estar conectado, completar e ser complementado pela cidade e a sociedade. Assim, segundo Anísio Teixeira (1959), a escola seria como uma universidade, só que para a infância.

Nesse cenário, a singularidade das práticas em arte-educação destacara-se pela significância das contribuições ao desenvolvimento cognitivo, social e cultural das crianças, uma vez que esses aspectos possibilitariam e fortaleceriam as experiências (DEWEY, 2011), além de estimular os cidadãos para criarem e interajam com um novo corpo social.

Considerando a amplitude do projeto anisiano, este trabalho tem por objetivo (re)conhecer os traçados da prática pedagógica em arte-educação nas escolas-parque desde a feitura dessa instituição na Capital brasileira até a contemporaneidade. Assim, a relevância deste estudo está pautada na necessidade de uma cartografia deste ensino em Brasília, que nos permite, sobretudo, conhecer alguns aspectos da tipologia dessa instituição tão significativa para a cultura da Capital e para a arte-educação a ponto de que, a primeira escola-parque de Brasília, a escola da 308 Sul, por meio do Decreto 24.861 do ano de 2004, foi tombada como Patrimônio Cultural do Distrito Federal. Ademais, o artigo colabora com a construção de caminhos que nos levem a aprender com o passado e (re)inventar o presente da arte nessas instituições.

O caminho percorrido

O estudo partiu de uma revisão sistemática da literatura na qual foram analisadas teses, dissertações, livros e capítulos de livros entre os anos de 1960 e 2018. As especificidades da revisão sistemática de literatura possibilitam ao pesquisador identificar estudos e estabelecer pontos de contato entre eles para que, então, tenha condições de criar uma comunicabilidade com o conhecimento já existente (TRANFIELD *et al.*, 2003). Neste estudo, foi utilizada a sequência de seis passos de pesquisa proposta por Soni e Kodali (2011), que consiste em: definir o problema de pesquisa; estabelecer a estratégia do estudo, mediante a escolha da base de dados, do período e dos termos de busca; balizar os critérios para exclusão ou inclusão de trabalhos; selecionar os estudos; analisar as fontes literárias, mediante sua revisão; e por fim apresentar os resultados.

Seguindo esse curso, partimos da seguinte indagação: Quais os traçados das práticas pedagógicas em arte-educação nas Escolas-Parque de Brasília? Com o horizonte de tempo compreendido entre o ano de fundação da primeira Escola-Parque (1960) e o ano de 2018, definimos como bases de pesquisas a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e o formato de busca manual na Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE). Para a identificação dos estudos, examinamos teses, dissertações, livros e capítulos de livros com termos clássicos sobre o tema (no título, palavras-chave, resumo e introdução), por meio

dos descritores: *escola parque*, *escolas parque*, *escola-parque* e *escolas-parque*. Foram excluídos todos os trabalhos que não contribuíam para o (re)conhecimento dos traçados das práticas pedagógicas em arte nas escolas-parque de Brasília, em contrapartida, foram selecionados todos os estudos que tangenciavam nossa problemática de estudo. Assim, 14 produções compuseram o escopo do nosso trabalho, sendo uma tese, dez dissertações, dois livros e um capítulo de livro. Para análise delas, utilizamos leituras integrais, fichamentos descritivos e interpretativos, estudos das similaridades e articulações das obras revisadas com o aporte teórico. A partir das leituras transversais dos textos e dos conhecimentos elaborados, foram construídos os resultados deste estudo.

Práticas e projeções da arte-educação na história brasileira

Nascida com Brasília, a primeira escola-parque foi criada em 1960 e está localizada na entrequadra 307/308 Sul. Sabendo que quem faz a história não é somente aquele que a escreve, mas também aquele que a vive, o surgimento da escola-parque é marcada por diversas histórias, umas relatadas em documentos oficiais outras pelas memórias dos professores pioneiros, estudantes e pesquisadores, curiosos por aquela novidade ainda pouco compreendida.

Duarte (1983), estudiosa e articuladora dessa história, ajuda-nos a conhecer os primeiros anos dessa escola na Capital, bem como nos põe em diálogo com as perspectivas educacionais da arte nas escolas-parque, mas também com as ideias para a educação da nova Capital, que se lançava como um grande ensaio para a educação nacional. Nos relatos dos professores pioneiros apresentados pela autora (1983), vislumbra-se o quão significativo o ideário das escolas-parque é para a compreensão da história da arte-educação brasileira de uma maneira geral. Brasília se apresentava como o berço de uma educação capaz de superar a escola tradicional que vigorava no país e seria o renovar dos tempos que marcaria uma educação progressista. Buscando refletir a sociedade que se pensava para Brasília e tangenciado um de seus objetivos que era estar interligada com a vida social da comunidade, almejava-se para as escolas-parque um ensino criador em que os filhos de operários e funcionários estudassem, aprendesse e vivenciassem juntos, tendo acesso às mesmas oportunidades. A arte era um dos elementos articuladores para essa sociedade democrática, crítica e moderna, por conseguinte, a escola-parque seria fundamental (TEIXEIRA, 1961).

A escola não seria apenas um ensaio para a vida em sociedade, a escola era para ser vivida com espaços e

tempos de qualidade. Para isso, o mentor das escolas-parque não deixou escapar os detalhes. No Plano de Construções Escolares de Brasília, o projeto arquitetônico, por exemplo, era um aspecto fundamental para romper com a proposta da escola tradicional. Segundo Pereira (2007, p. 99), “ainda que os sistemas de salas de aula existam nestas propostas, mantendo-se alguma proximidade com a ideia de pan-óptico, a proposta geral para os edifícios foi a de permitir o aprendizado além dos espaços da sala de aula”. Essa estrutura pretendia dialogar não apenas com os preceitos modernos da arquitetura, mas da própria pedagogia, além de permitir uma diversidade do ensino de arte, corroborando para as relações entre a criação e cognição com o espaço físico.

Sobre a admiração de Anísio Teixeira pelas atividades de cunho artístico, Duarte (2009), arquiteto contemporâneo do educador brasileiro, destaca o apreço que o educador tinha pelas obras de arte infantis. Essa admiração foi instigada por suas visitas aos Estados Unidos, onde conheceu, em 1928, o Programa *Platoon*¹ de Detroit - *Brady School*. Este programa contemplava atividades ligadas a arte, música, desenho, trabalho manual e ciência, e atribuía a eles importante valor curricular. De acordo com Duarte (2009), Anísio Teixeira considerava que esse arranjo poderia contribuir para a reforma educacional que alguns grupos de pensadores e educadores vislumbavam para o Brasil e, assim a arte poderia ser um aporte para as mudanças sociais e não um privilégio das elites do país.

Tal já foi dito, Anísio Teixeira foi influenciado pelas ideias pedagógicas de Dewey e pelo modelo *Platoon*, contudo, para Martins (2011), há nas elaborações do filósofo e educador brasileiro uma inventividade para a arte nas escolas-parque de Brasília que, além da autenticidade de seu idealizador, também recebeu contribuições de artistas e movimentos nacionais. A autora (2011) observa que a filosofia das Escolinhas de Arte do Brasil lideradas por Augusto Rodrigues também se incorporou ao projeto educacional anisiano. Desse modo, o sentido da arte nas escolas-parque estava pautado na produção de conhecimento por meio de diversas linguagens, e “a ênfase não estava no ensino de determinado trabalho ou técnica, mas na oportunidade assegurada aos alunos de aprender e produzir, atuando coletivamente” (MARTINS, 2011, p. 242). Acerca disso, Ribeiro (2012) afirma que as escolas-parque foram pensadas para que as crianças da nova sociedade que se erguia pudessem contribuir com os processos educativos daquele espaço, bem como transformá-lo.

Assim, as escolas-parque de Brasília, na visão de Vasconcelos (2011), representa uma das expressões mais significativas do plano de Anísio Teixeira para a arte e para a integralidade da educação básica. A autora (2011) destaca que a arte-educação proposta nessas

instituições não fomentava correntes artísticas, mas buscava um sentido prazeroso para a aprendizagem. Assim, as práticas pedagógicas não estavam centradas apenas em um processo artístico limitado ao âmbito escolar das crianças, mas aspiravam distender nas experiências reais e significativas dos estudantes. Para tal, o ensino de arte aventado nos espaços das escolas-parque de Brasília não diziam respeito apenas à promoção de atividades manuais ou intelectuais, mas uma corporificação das capacidades, potencialidades e habilidades humanas nos seus mais diversos aspectos. Dessa forma, a arte-educação era entendida como um componente de entrelaces capaz de atuar nas transformações sociais, nas relações de alteridade entre os indivíduos, bem como em seus tratos com a natureza, com a sua subjetividade e com as aprendizagens. Esses entendimentos se afeiçoavam aos ideais pretendidos para a nova Capital e atendiam, ainda, uma premência que se instalava à medida que a cidade de Brasília se solidificava.

A nova Capital projetou-se em uma visão universalista. Admitia-se pessoas com culturas diversas que chegavam de diferentes pontos do país e do mundo. Era uma nova vida diante do sonho progressista, contudo muitos dos chegantes de Brasília não tinham parentela, histórias ou lembranças constituídas naquela cidade forjada. Assim, podemos dizer que surgiu uma necessidade na arte-educação das escolas-parque de Brasília que possivelmente não fora engendrada por seu idealizador: a carência de se construir uma representação cultural e identitária para a cidade de Brasília a partir das diversas experiências dos estudantes, bem como dos professores. Nesse sentido, a arte produzira uma trama indispensável.

Tecendo representações culturais e identitárias para a cidade de Brasília

As escolas-parque de Brasília não foram pensadas de modo isolado, mas como parte integrada de um plano educacional que coadunava com os ideais de uma sociedade moderna e industrializada. Nesse cenário, Anísio Teixeira pensou a infância sob uma nova perspectiva. Através do Plano das Construções Escolares de Brasília, ele nos explicitou seu olhar atento para um programa escolar que pretendia refutar a repetição e seleção de metodologias que não dialogavam com o mundo da vida. Teixeira (1961) entendia que uma sociedade dotada de pretensões democráticas não poderia se desenvolver sem preservar os traços de sua humanização, seu contexto e sua história. Compreendia que era dever da elite de cada tempo conduzir de maneira saudável o progresso do país e o desenvolvimento dos indivíduos.

Foi no ápice dessas pretensões que Brasília se edificou como a capital brasileira da modernidade intelectual e

arquitetônica. A cidade pretendia estar organizada para o desenvolvimento social e humano, estruturada com equipamentos públicos de saúde, educação, lazer e cultura, por exemplo, formando o princípio das Unidades de Vizinhança (SOUZA, 2014). No entanto, apesar dos intentos, a vida do brasiliense foi tomada por uma certa frieza, um distanciamento entre os horizontes do cerrado e os cruzamentos de asfalto, entre o estilo pós-colonial dos arredores e a arquitetura vanguardista da nova Capital, assim como entre o passado e o porvir.

Diante desse embaraçoso olhar entre as utopias do moderno projeto de educação e sociedade e o que se vivia no cotidiano da cidade, a primeira escola-parque de Brasília, a escola da 308 Sul, foi se destacando como um espaço para tessituras culturais em que a arte-educação se dispunha como fios para o bordado da tentativa de uma nova história. No auditório da escola, aconteciam festivais, a comunidade escolar podia se encontrar, se conhecer, perceber a presença do *outro* e pôr em diálogo as diferenças. Corroborando com esse entendimento, Rocha (2016) ao analisar fotografias concernentes às práticas pedagógicas de dança circunscritas entre os anos de 1960 a 1974 nessa instituição, admite que essas atividades configuraram mais do que a expressão de uma linguagem artística, manifestavam corpos sócio-históricos que influenciaram e foram influenciados pelo *outro* em seus diversos aspectos. A partir dessa percepção, é possível apreender que essas atividades eram momentos de tecer representações culturais, pois as crianças, bem como toda a comunidade escolar, ensinavam, aprendiam, trocavam vivências, apropriavam e (re)elaboravam suas experiências. Na dinâmica entre as significações, as apreciações e o estranhamento, tecia-se também uma identidade peculiar para a Capital.

Nesse enredo, Xavier (2013) destaca que, mesmo em períodos mais recentes, a valorização e a preservação do significado de Brasília como um patrimônio cultural são recorrentes nas práticas pedagógicas das escolas-parque. Isso nos leva a depreender que a relação dos estudantes com a cidade é uma forma de relação com o *outro* e construção constante dessa representação cultural. Verificamos ainda que o entendimento da própria Capital como uma concepção artística continua a ser elemento importante nos traçados das práticas pedagógicas das escolas-parque de Brasília, constituindo e ressignificando os aspectos identitários da cidade. Para Araújo (2016), todo espaço escolar pode proporcionar essas elaborações culturais e identitárias, contudo, as escolas-parque de Brasília trazem uma amplitude dessas características por meio das práticas pedagógicas experimentadas nessas instituições e estimulam as convivências, bem como despertam o reconhecimento das diferenças.

Escolas-parque de Brasília e mediações formativas

As escolas-parque nasceram como símbolo educativo de um tempo moderno, solidificaram-se entre a diversidade de pessoas que aprenderam a equilibrar tradições e inovações culturais para se tornarem cidadãos cosmopolitas e refletem, ao longo de seus quase 60 anos na Capital, a ousadia de seu idealizador e daqueles que acreditaram na potencialidade de suas mediações formativas. Essa agudeza é evidenciada no entendimento que as fontes estudadas trazem das práticas pedagógicas em arte como mediadoras de autoexpressão, liberdade e resistência.

Lemos (1998) apresenta as dificuldades e contradições vivenciadas nas oficinas de instrumentos em meados dos anos 1990 nas escolas-parque de Brasília. A autora relata que, apesar de naquele período as oficinas serem consideradas os “carros-chefes” da escola estudada, as más condições da oficina de fanfarra, por exemplo, eram diversas. O local de trabalho para os professores e estudantes era inadequado, e os instrumentos musicais estavam em más condições, o que contribuiria para um tumulto e desconforto nas aulas. Mesmo com esses impasses, Lemos (1998) destaca que as crianças se dispunham a participar dessas atividades com entusiasmo e que era perceptível o “prazer corporal atrelado ao ato de tocar e ouvir música” (LEMOS, 1998, p. 61).

Assim, podemos observar que autoexpressão e liberdade se imbricavam nessas oficinas, pois só é possível assimilarmos que se expressa aquele que tem liberdade em seus movimentos, pensamentos, desejos e propósitos (DEWEY, 2011). Entretanto, a autora (1998) destaca, ainda, que parte da motivação dada aos estudantes sempre dizia respeito a uma apresentação final. Com isso, o texto infere que, apesar de haver críticas no campo da pedagogia do ensino de arte acerca das atividades destinadas a um resultado, esse por vezes é o caminho que viabiliza as experiências artísticas que as crianças podem viver nesses espaços.

No tocante às escolas-parque de Brasília como rota de resistência, inferimos que esse entendimento se estende a resistência no seu sentido formativo e a resistência do próprio espaço físico. Xavier (2013) expressa as dificuldades que os professores têm para atuarem com o ensino de arte no ambiente escolar devido à falta de estrutura e capacitação docente. Tais reflexões nos ajudam a entender que, apesar dos desafios, o sentido formativo resiste, principalmente pelas memórias que os professores conhecem dessas instituições através das narrativas orais, pois, ainda que os próprios docentes não tenham a dimensão de toda a trajetória das escolas-parque em que atuam, eles constroem seus significados na cultura escolar. Consequentemente, o espaço

físico também tem resistido. Segundo Leme (2013), esses conflitos são quase inerentes à inauguração da primeira escola-parque da Capital. De acordo com a autora (2013), desde a edificação da instituição em Brasília, percebem-se as tentativas de desfiguração do projeto original não apenas no que concerne aos objetivos dos aspectos formativos dos indivíduos, mas também na estrutura das construções e na utilização dos espaços arquitetônicos, que se relacionam diretamente com as aprendizagens.

Apesar de as escolas-parque de Brasília resistirem, muito do ideário anisiano se modificou. Não se trata mais de uma educação em período integral para a formação integral dos sujeitos, tal como preconizava o Projeto de Construções Escolares de Brasília. Isso porque não houve continuidade na criação de novas escolas² com essa tipologia por questões de diversas ordens, entre elas a política e a econômica. Essa ruptura reverbera nas práticas pedagógicas das escolas-parque e na forma como a arte-educação se estabeleceu na Capital.

Essas constatações encaminham-nos a refletir acerca das mediações formativas na arte-educação nessas instituições. De acordo com Bezerra (2014), na atualidade, podemos observar que vários aspectos se desprenderam do projeto inicial para as escolas-parque de Brasília. Segundo a autora (2014), temos como exemplo os problemas com a polivalência na docência, quando um especialista leciona nas diversas linguagens artísticas. Nesse contexto, devido à falta de condições de exercer um trabalho voltado para a aprendizagem das linguagens específicas muitos professores optam por oferecer oficinas em outras linguagens artísticas e assumem as aulas dessas pautados em suas vivências e experiências diversas.

Observamos ainda que, apesar das particularidades constatadas nos trabalhos pedagógicos desenvolvidos em cada escola-parque de Brasília, existem alguns consensos nos traçados dessas práticas descritos até mesmo nas atividades que os professores acreditam executar de maneira mais isolada na rede de ensino. Verifica-se que as ideias de experimentação, vivências, sensibilização e familiarização com a arte perpassam grande parte dos estudos e são apontadas como caminhos que conduzem os estudantes ao desenvolvimento dos aspectos tratados no eixo de análise em tela.

Os entendimentos acerca do ensino de arte nas escolas-parque de Brasília e suas mediações formativas são advindos também das próprias crianças e adolescentes que frequentam ou frequentaram esses espaços. São eles, juntamente com o corpo docente, que produzem os sentidos práticos dos ideais, projetos e diretrizes. Nesse enredo, Marques (2016) revela que os estudantes concebem o ensino de arte como um momento de liberdade. Na visão das crianças, a escola é mesmo um parque de brincadeiras, tal como sugere o nome da

instituição. Isso demonstra o quanto a arte-educação estimula as experiências infantis, bem como expressa a transcendência da arte na formação dos indivíduos e as contribuições desse ensino para a continuidade da utopia de Anísio Teixeira.

Alguns apontamentos

Observamos que, nos primeiros anos de funcionamento das escolas-parque de Brasília, o ensino de arte definiu-se com uma intencionalidade diferente daquela percebida na educação tradicional. Os traçados da arte nas escolas da nova Capital tinham por objetivo projetar o sonho democrático. Na nova era – da modernidade – fazia-se necessário construir uma outra postura enquanto sociedade, dotada de uma ascensão cultural, de indivíduos críticos e autônomos perante a vida. Para isso, as atividades artísticas deveriam ser aportes para a formação de sujeitos integrais, capazes de atuar nas idiosincrasias do período industrial sem perder sua perspicácia sensível e intelectual, tal como preconizava Anísio Teixeira.

A criação do educador baiano colocou em diálogo as diversas memórias que tramitavam na cidade, já que os moradores e estudantes da Capital eram chegantes das diferentes regiões do país e do mundo. Nesse sentido, as atividades artísticas, ocorridas no interior da escola-parque da 308 Sul, projetavam um espaço de encontro e desencontro que possibilitava a construção

de outras representações culturais e identitárias. Ainda na contemporaneidade, relacionar as diversidades e reconhecer as diferenças que permeiam a constituição da população de Brasília e daqueles que se relacionam diariamente com a cidade é um objetivo comumente relatado nas práticas pedagógicas em arte das escolas-parque. A autoexpressão, liberdade e resistência também se apresentam como aspectos formativos mediados pela arte e que atravessam as diferentes fontes e períodos pesquisados.

Os traçados dessa cartografia ajudam-nos a (re)conhecer os sentidos e significados das práticas pedagógicas e representações da arte-educação escritas pelas escolas-parque em Brasília. O entrecruzamento e a comunicabilidade das produções acadêmicas que constituíram essa revisão sistemática de literatura contribuem fundamentalmente para os legados da Educação Patrimonial e para a valorização cultural da sexagenária Brasília; tão enigmática, moderna e paradoxal por não ter alçado todos os voos sonhados para ela. O estudo também colabora para repensarmos as aprendizagens artísticas proporcionadas no espaço dessas instituições e a reinventar junto à utopia de Anísio Teixeira direções que encorajem as escolas-parque de Brasília enquanto uma ferramenta de resistência da educação pública democrática que quer humanizar os corpos, despertar as convivências, possibilitar as experiências estéticas e contribuir para a formação dos indivíduos. ■

Notas

¹ O Sistema *Platoon*, ou de pelotões, constitui-se como uma solução para contemplar os aspectos físicos e curriculares almejados para uma educação progressista, “tendo ainda como objetivo proporcionar uma diversidade de ensino, enriquecendo com novas e interessantes matérias” (DUARTE, 2009, p. 94).

² O projeto de Anísio Teixeira previa a construção de 28 Escolas Parque, porém até os dias atuais apenas 5 escolas foram implantadas para o atendimento de todas as Escolas Classe da Capital e algumas escolas das chamadas regiões administrativas de Brasília. Observa-se ainda que somente a primeira escola construída (307/308 Sul) cumpriu a proposta arquitetônica idealizada.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Ana Maria. **Pedagogia Teatral e Diversidade Cultural no contexto da Escola Parque 210/211 Norte – Brasília-DF**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/22403>. Acesso em: 23 mar. 2018.

BEZERRA, Veronica Gurgel. **Os professores de instrumentos e suas ações nas Escolas Parque de Brasília: uma pesquisa descritiva**. 2014. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/17204>. Acesso em: 17 abr. 2018.

BRASÍLIA. Decreto nº 24.861, de 4 de agosto de 2004. Dispõe sobre o tombamento da Escola Parque 307/308 Sul e sua área de tutela e dá outras providências. Brasília: Governo do Distrito Federal, [2004]. Disponível em: http://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/45319/Decreto_24861_04_08_2004.html. Acesso em: 22 jan. 2020.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. Tradução de Renata Gaspar. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

DUARTE, Hélio de Queiroz; TAKIYA, André. (Orgs.). **Escolas Classe, Escola Parque**. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

- DUARTE, Maria de Souza. **A Educação pela arte: o caso Brasília**. Brasília: Thesaurus, 1983.
- LEME, Deborah Raquel Rosin Delphino de Moraes. **Conceituação e desenvolvimento da escola-parque em Brasília, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo**. De 1931 a 2013. 2013. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UPM_a43b4f80f515d53f61a44d5c0e34623f. Acesso em: 17 maio 2018.
- LEMOS, Maria Beatriz Miranda. **Manifestações de resistência em oficinas de fanfarra e percussão**. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 1998.
- MARQUES, Olívia Augusta Benevides. **Pequenos enredos nas Escolas Parque de Brasília: o que contam as crianças sobre a aula de música**. 2016. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/22497>. Acesso em: 22 mar. 2018.
- MARTINS, Alice Fátima. O ensino de artes nas Escolas-Parque. In: PEREIRA, et al. (Orgs.). **Nas asas de Brasília: Memórias de uma utopia educativa (1956-1964)**. Brasília: Universidade de Brasília, 2011. p. 231-251.
- PEREIRA, Alessandro Guimarães. **Arquitetura escolar: notas comparativas sobre projetos em São Paulo e Brasília**. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- RIBEIRO, Álvaro Maurício Moura Paz. **Produção cultural infantil: práticas corporais sob a ótica de crianças**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/11590>. Acesso em: 23 set. 2018.
- ROCHA, Laryssa Mota Guimarães. **Uma história da dança em escolas de Brasília: memórias da Escola-Parque do período de 1960 a 1974**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/22209>. Acesso em: 17 maio 2018.
- SOUZA, Edilson. **Diálogos entre Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro – o projeto educacional de Brasília (1960) e o programa especial de educação – I PEE Rio de Janeiro (1980)**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_dbe6ee272fe3da4bdad70de0fca071bb. Acesso em: 23 mar. 2018.
- TEIXEIRA, Anísio. Centro Educacional Carneiro Ribeiro. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 73, p. 78-84, jan./mar. 1959. Disponível em: [http://portal.inep.gov.br/documents/186968/489316/Revista+Brasileira+de+Estudos+Pedag%C3%B3gicos+\(RBEP\)+--+Num+73/85f65e2b-02f1-4e8e-a7e3-aeb72af57d06?version=1.1](http://portal.inep.gov.br/documents/186968/489316/Revista+Brasileira+de+Estudos+Pedag%C3%B3gicos+(RBEP)+--+Num+73/85f65e2b-02f1-4e8e-a7e3-aeb72af57d06?version=1.1). Acesso em: 21 maio 2018.
- TEIXEIRA, Anísio. Plano de construções escolares de Brasília. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Guanabara, v. 35, n. 81, p. 195-199, jan./mar. 1961. Disponível em: <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/plano3.html>. Acesso em: 17 out. 2018.
- VASCONCELOS, Maria Paula de Almeida. **Sonho, memória e educação: a construção do brasileiro**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/9425>. Acesso em: 1 jun. 2018.
- XAVIER, Cleber Cardoso. **Escolas Parque de Brasília: uso do laboratório de informática pelos professores de arte**. 2013. Dissertação (Mestrado em Arte) – Instituto de Arte, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/14857>. Acesso em: 6 jun. 2018.